

O ESTUDANTE

ÓRGÃO HUMORISTICO, CRITICO E LITERARIO
DOS

ALUNOS DO GINASIO M. SÃO JOÃO

Diretor — Antonio Levenhagen. Colaboradores — Diversos Vice-diretor — Valter Nogueira
Tesoureiro — Jaime Soares Redator — Angelo H. Filho

ANO I | Campanha, domingo, 16 de Outubro de 1932 | Nº 14

O DEVER

O dever é a mais sagrada de todas as obrigações. Esta palavra, embora pareça sem importancia aos olhos de quasi todo o mundo, é a base das mais elevadas posições. Ela é, muitas vezes, inobservada; desconhecida, não, porque todo o homem já nasce com a indole de obedecer.

Desde os mais pauperri-mos gentios, até aos maiores reis, nota-se este nobre ato que é o DEVER.

É, sem duvida, a mais hon-rosa ação que vemos; quer nos grandes homens, cum-prindo os seus deveres, pelos seus trabalhos, quer nos va-lentes conquistadores de ba-talhas sanguinolentas, defen-dendo a sua PATRIA queri-da, quer ainda nos homens que se põem em evidencia no mundo antigo e moderno.

O dever ainda nos impõe ser positivos mesmo com o sacrificio da propria vida.

É o dever que gera a união, sem a qual nada é possível no mundo.

Ah! Se no BRASIL, este estremecido Lar, houvesse a união, se uns não quizessem ser maiores do que os outros, não haveria certa-mente estas lutas e rivali-

dades.

Lutas estas que só ser-vem para manchar com san-gue fraterno, as lindas pagi-nas de nossa historia.

É a união que faz a força; e sem a coletividade esta Terra do Novo Mundo, não poderá vencer os obstaculos que a assoberbam.

Se cada um cumprisse o seu dever, o mundo segui-ria a sua linha, traçada desde os tempos mais remotos. Es-ta palavra deveria estar gra-vada em muitos corações, porque é somente com ela que conseguiremos a tran-quilidade.

O individuo, cumprindo o preceito desta palavra, não teme nem as justicas e in-justicas do mundo, e muito menos a justiça do Creador.

Não teme as justicas e in-justicas do mundo, porque: na justiça todos devem sa-ber o que é seu, conforme Jesus nos disse: "Dai a Ce-sar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus".

É o homem que faz aquilo que compete, naturalmente está cumprindo o seu dever. Na justiça, mesmo que ela o persiga, saberá aliviar-se, estando a cumprir o dever.

O Pai da Creação, apenas, exige de nós a observancia de suas leis.

Como a união, a obedien-

cia tambem vem do dever.

Não ha ninguem que cumpra seu dever, sem obedecer.

Desde os maiores até aos menores todos obedecem.

Medicos, Advogados e ou-tros cumprem os seus deve-res; uns, conservando a vida do proximo; outros, patroci-nando os seus direitos; mas, todos sob a obediencia de que lhes prescrevem os li-vros.

Jesus, Rei dos Reis, tam-bem obedeceu, dando-nos, assim, o exemplo da obediencia.

Na sua infancia, foi obedi-ente para com José e Maria; mais tarde, para com o seu Pai Eterno, cumprindo os preceitos que os Profétas haviam anunciado.

«Obedecer é tão nobre co-mo comandar».

O dever, é, pois, uma pa-lavra sagrada, de que todo o mundo necessita, princi-palmente a Patria muito a-mada.

Cumpramos os nossos de-veres, distintos colegas!

Se o fizermos, seremos eternamente felizes.

Pedro Prosperi

O Heroismo de Mãe

Mãe super-heroína do mundo!

14/9/2017 14:51

Sentinela avançada de um ente amado, guarda intransponível de um coração de alguém—o filho.

Murchou esta flor, marchalhe também o coração, esvai-lhe metade da alma...

De todos os amores, o que mais prodígio tem feito na face da terra é, sem dúvida, o amor de Mãe. Os maiores rasgos de heroísmo provêm dessa mágica fonte—o coração de Mãe!

.....
À margem de uma estrada, residia num casebre humilde um casal de camponios. Pobre, mas feliz, esse casal não era só naquela pauperíssima casinha possuía um tesouro, presente do Eterno, a Zizi, uma bela menina de 5 anos, linda como a aurora. Azuis, tal o azul do céu, eram-lhe os olhos; loiros, os cabelos. Farol daquele lar, nela, só nela repousavam os ideais, as esperanças dos pais. Zizi era um anjo ali vivendo para dar vida...

Em uma bela tarde, quando tudo é belo e poético, Zizi, que tinha como guia o olhar fixo do seu pai e de sua mãe, toda radiante de júbilo, brincava com as borboletas multicores que por ali passavam.

A menina, com um aventalzinho branco, corria atrás das borboletas, as derrubava e as levava à Mãe que lhe compensava com um expressivo osculo.

E assim a pequena Zizi foi-se adeantando até alcançar a estrada, onde naquela hora seria percorrida pelo mixto. O velho relógio do fundo do casebre já dera 5 pancadas. Era o momento que o mixto devia passar.

Ja o seu tridente apito, na curva proxima, era ouvido. E Zizi, lançando a vista do outro lado da linha ferrea, divisou, pousada numa planta, linda borboleta azul, que, no abano das azas, mais parecia um leque colorido. Subita idéa perpassou-lhe a mente: apanha-la viva e leva-la à Mamãezinha.

Rapida, então, como uma seta, correu em busca de seu lindo divertimento; porém, uma fatal coincidência: justamente no momento em que, alegremente, atravessava a estrada, tropeçou num dos trilhos e tombou numa perigosa queda. Ouviu-se, pela segunda vez o apitar do monstro ferreo—a máquina. A curva fôra já dobrada e eram apenas metros a distancia interposta entre a creança e a locomotiva. A Mãe que tudo vira, rapida, ergueu-se veloz como uma sentelha, atirou-se loucamente entre os trilhos e conseguiu arrancar a pequena Zizi das ameaçadoras garras de ferro que se aproximavam.

Salvara a filha...

Heroismos, amores... tudo é tão comum ao coração de Mãe!

Helio T. Pereira.
2º ano Ginásial.

Tarde Tempestuosa

3 horas...

No horizonte, nuvensinhas vão-se agrupando.

Pouco a pouco o firmamento vai tomando uma cor de chumbo.

Já se ouvem curtos trovões.

De momento a momento o barulho se torna mais intenso.

Eis que, de repente, uma enorme descarga se ouve.

O céu escurece cada vez mais.

Os para-raios da Igreja proxima recebem a cada momento descargas eletricas.

Não se vê ninguém nas ruas.

Tudo deserto.

Grossos pingos d'agua já se notam nas calcadas e levantam uma leve poeira.

Minutos após a chuva cai impetuosa.

O trovão, como o ribombar de canhões, e a chuva como um dilúvio, formam um caos medonho.

6 horas...

Ja se torna mais branda a tempestade.

O céu toma pouco a pouco a sua cor primitiva.

A noite já vai dominando a terra.

Algumas estrêlas já cintilam no firmamento.

Por entre as montanhas surge a lua cor de prata.

Cessára totalmente a tempestade.

Manoel O. Nogueira Filho.

O AMIGO.

Amigos são dois entes que se fundem em um só, dois corações que lutam pelo mesmo ideal, duas almas que nutrem as mesmas aspirações.

São duas criaturas que procuram compreender os mesmos sentimentos de alegria, as mesmas amarguras

da vida.

O verdadeiro amigo é como o militar no campo de batalha, que, vendo o seu amigo atingido pelo projétil, ampara-o, cobre-o com seu corpo, expondo a própria vida para salvar o seu amigo ferido; e se por acaso o ferimento é mortal, dá-lhe consolo e procura receber com carinho as suas últimas palavras.

O amigo verdadeiro é aquele em que podemos confiar como a um irmão, nos sos desgostos e nossas alegrias. Neste mundo tão cheio de ilusões precisamos do apoio de um ente que nos tenha amizade, de um coração que bata igual ao nosso.

Ele é como a sentinela avançada que nos avisa do perigo e procura cuidar da nossa segurança.

Quando a nossa alma achar outra alma, que é a do verdadeiro amigo, ela se sentirá mais tranquila na aspera senda que trilhamos para a vida eterna.

Emfim o amigo verdadeiro é como um outro eu nos pensamentos e nas ações.

Porém, neste mundo essa amizade fiel, esse tesouro precioso é quasi impossível de se encontrar, principalmente fóra dos laços de família.

José Luiz Penha

rôa do Brasil em teu nome, fazendo votos de felicidade e pedindo que, para teu bem, afastes para muito longe as Aguas Limpas, a Cascavel e o Capitão Melador”.

(Continua no prox. numero.)

DA MINHA CACHOLA.

Casa de passaro é gaiola,
Alma de caboclo é viola;
Panela preta é caçarola,
Quem resa, em má lingua, é carola,
O que se pode chutar é bola,
Caixão de pobre é padiola;
Mulher muita prosa é vitrola,
Chapéu de doutor é cartola,
Cabeça ôca sempre é cachola,
A flôr sem calice é corola;
Corrente se compõe de argola.
Porta balançadeira tem mola,
Barrica quando tombada rola,
Galinha pintada é d'angola;
Remendo de sapato é sola,
Colarinho fica na gola,
Burro na charneca não atola,
Quasi todo jéca diz “gondola”;
Toda linha ferrea tem bitola,
Bornal de merenda é sacola,
Resina de pinheiro é cola,
Samba de nauta é barca-rola;
“Palavra” na Italia é parola,
Jogo de bilhar é carambola,
Trage de bebê é camizola,
Atriz bonita é a tal Pola,
Fabiola errada é “fabiola”,
E o artista disto é um fra-

HISTORIA DO BRASIL

—METODO CONFUSO—

Continuação

Governo do Dr. J. J. VILELA.

Estando o Dr. José Jonas passeando em seu jardim no palácio “dos Aguias”, foi subitamente chamado á casa do Cap. Vivaldi Melador. Logo que la chegou, “embocou” para o quarto do Capitão, encontrando este debaixo das cobertas que já estavam pingando” de tanto que o illustre oficial chorava. O Presidente, então, perguntou-lhe o que havia acontecido. O Vivaldi só respondia: foi por culpa do manifesto, foi por culpa do manifesto”.

O Exmo. Dr. J. J. Vilela (que é um colosso no raciocínio), logo decifrou a incognita, pensando assim: “O Capitão convidou seus solda-

dos a tomarem Aguas Limpas e depois evacuarem Cascavel, pore, no momento, os seus comandados largaram-no na mão e ele, sosinho, teve que tomar o primeiro e evacuar o segundo”. Tomou o pulso do enfermo, escutou, e disse: “Capitão, si nesse posto tão baixo, como o teu, têm-se tais apuros o que não deve sér o de Presidente apoz uns 2 anos???... e, acabando de dizer, passou a mão no chapéu e ao mesmo tempo no empregadinho da casa do Capitão, saiu como um louco;—chegando ao Palácio, poz o empregadinho sentado no trono e disse; “Helio Tito Pereira, meu visinho—conterraneo, eu José Jonas Vilela, vulgarmente chamado Proféta, apelidado Espirita, alcunhado Protestante, Pai do Pimpolho, que foi discipulo do “Professor do A. do R. Fundo”, prevendo tantas desgraças, abdicó a co-

jola.

Labreda Sotnas.

Decretos Assinados

Foram assinados pelo Exmo. Dr. Alta-Recreação, Ministro do Trabalho, os seguintes decretos:

“Decreto nº 32.304. Palacio do Ginasio S. João, Ministerio do Trabalho.

O Ministro do Trabalho, usando das atribuições que lhe confere o decreto nº 24 de 15 Novembro de 1929, decreta:

Art. unico:—Por ato de bravura, ficam removidos do baixo cargo de Copeiro, para o elevado de Porteiro neste Palacio do Ginasio, os esforçados cidadãos José M. Meireles e A. Josino Meireles.

Paragrafo unico:—Revogam-se as disposições em contrario.»

Decreto nº. 33.304.—Palacio do Ginasio S. João, Ministerio do Trabalho.

O Ministro do Trabalho, usando das atribuições que lhe confere o decreto nº. 24 de 15 de Novembro de 1929, decreta:

Art. unico:—Ficam nomeados para preencherem as vagas de Copeiro neste Palacio os seguintes cidadãos: Zaluar Emilio de Souza e Gil Arantes.

Neste mesmo decreto, concedo aos dois os seguintes titulos:—Ao primeiro Copeiro Barbudinho; ao segundo, Copeiro Espirituoso.

Paragrafo unico—Revogam-se as disposições em contrario.”

Dr. Alta-Recreação, Ministro do Trabalho.

Dr. Livre-vontade, secretario do Ministerio.



DIZEM

Que o Gladstone quer que se espalhe pela cidade que ele sabe tocar violão.

Que o Silvio Moraes só espera decreto.

Que o boné do Luiz parece solidéu.

Que certos alunos apelidaram o Nilton de “pobre”; porque será?

Que os animais do Ginasio, isto é, Tucano, Jumento, Perú, Taturana, Gambá, e Jacaré, vão ingressar-se no Circo Amelia.

Que o Geraldinho suspendeu a venda de CARATER.

Que o Helio Tito, agora, firmou no fóle e esqueceu-se do teclado.

Que o Gladstone quer «empastelar» as oficinas d’«O Estudante». Não faça isso, Gladstone!!..



HORA

Rio (ee)

Josino.

Apresento sinceros parabens recente nomeação Porteiro Ginasio.

Juquinha.

São Paulo (ee)

Vivaldi.

Mande bengala, mas tire o «chuço».

Alfredo.

Encruzilhada (ee).

Zézé Mario.

Soube pelo radio tua nomeação secretario interino e porteiro exterino, parabens.

Teu irmão.

B. H. (eeeeee)

José Jonas

Assinei hoje decreto sua nomeação efetiva Prefeito Porto Ponte.

O. Maciel.

Rio (ee).

Cabo Zézé Avelar.

Prepara soldados. Bijou vai publicar outro artigo.

Gen. E. Santo.

Horos-copo



Quem nacê nu meiz di Setembru, vai sê muito mimosu pr-quê nasceu nu meiz da primavera.

Vai gostá muito di frôr, i di

passiá.

Us pastu vai ficá tudu bunitu infeitadu quenen uma moça qui vai casá.

I o restu fica senu cumu nus otrus meiz.

Alecrim